

SALMAN RUSHDIE

O ÚLTIMO SUSPIRO DO MOURO

Tradução

Paulo Henriques Britto



Copyright © 1995 by Salman Rushdie.

Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The moor's last sigh

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Carlos Alberto Inada

Revisão

Larissa Lino Barbosa

Renato Potenza Rodrigues

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rushdie, Salman

O último suspiro do mouro / Salman Rushdie ; tradução
Paulo Henriques Britto. — São Paulo : Companhia das Letras,
2012.

Título original: The moor's last sigh.
ISBN 978-85-359-2024-6

1. Ficção indiana (Inglês) I. Título.

11-14813

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção indiana em inglês 823

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

I.

Uma casa dividida, *11*

II.

Masala de Malabar, *143*

III.

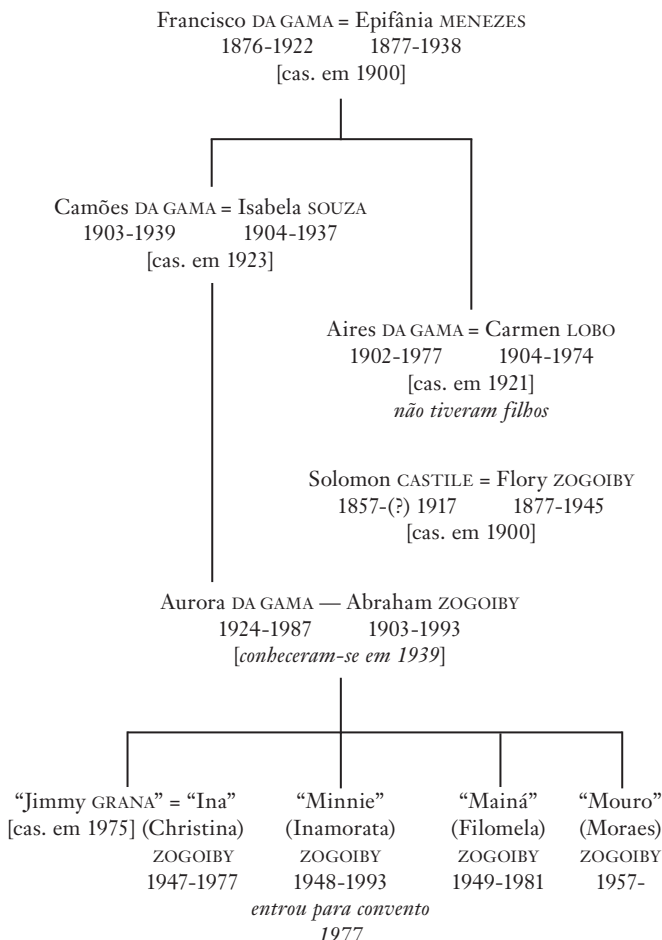
Centro de Bombaim, *327*

IV.

O último suspiro do mouro, *433*

Sobre o autor, *497*

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA GAMA-ZOGOIBY



I. UMA CASA DIVIDIDA

PERDI A CONTA DOS DIAS QUE TRANSCORRERAM desde que fugi dos horrores da fortaleza louca de Vasco Miranda, na aldeia de Benengeli, nas montanhas da Andaluzia; fugi da morte na escuridão da noite, deixando uma mensagem pregada na porta. E desde então, ao longo de meu caminho, junto com a fome e o calor, não têm faltado maços de folhas rabis-cadas, e marteladas, e interjeições secas de pregos de duas po-legadas. Há muito tempo, nos meus verdes anos, minha amada me disse num rompante amoroso: “Ah, meu mouro, meu negro, que homem mais estranho, tão cheio de teses, sem ter uma porta de igreja onde pregá-las”. (Ela, uma indiana confessadamente religiosa mas não cristã, fazia troça do protesto de Lutero em Wittenberg para zombar de seu amor, um indiano nem um pouco religioso, embora cristão: como as histórias se espalham, e em que bocas elas vão parar!) Infelizmente, minha mãe a ouviu; e retrucou, rápida como mordida de cobra: “Cheio de fezes, é o que você quer dizer”. Sim, mãe, também neste assunto a última palavra foi sua: como em tudo o mais.

“Amrika” e “Moskva”, alguém as chamou uma vez, Aurora minha mãe e Uma meu amor, aludindo às duas grandes superpotências; e as pessoas diziam que as duas eram parecidas, mas nunca vi a semelhança, jamais consegui vê-la. Ambas mortas, de causas não naturais, e eu num país longínquo, com a morte em meu encalço e a história delas na mão, uma história que vivo a crucificar nos portões, nas cercas, nas oliveiras, espalhando-a por esta paisagem de minha última viagem, a história que apon-ta para mim. Na fuga, transformei o mundo em meu mapa de pirata, cheio de pistas, cheio de XX assinalando o tesouro de

mim mesmo. Quando meus perseguidores seguirem a trilha até o fim hão de encontrar-me à espera, sem queixas, ofegante, parado. *Eis-me aqui. Não poderia ter agido de outro modo.*

(Para ser mais exato, eis-me aqui sentado nesta selva escura — isto é, neste monte de oliveiras, no meio de um arvoredo, observado pelas cruzes de pedra curiosamente tortas de um pequeno cemitério abandonado, a pouca distância do posto de gasolina Último Suspiro — sem a ajuda nem necessidade de nenhum Virgílio, no que deveria ser o meio do caminho da minha vida, mas que acabou sendo, por motivos complicados, o fim da linha, exausto, totalmente pregado.)

Mas sim, minhas senhoras, além de mim muitas coisas estão sendo pregadas. Por exemplo, bandeiras em mastros. Porém, após uma vida não muito longa (se bem que muito animada), constato de repente que não tenho mais teses. De crucificação, já basta a vida.

*

Quando a gente está perdendo o fôlego, quando aquele sopro que nos impele para a frente já quase se extinguiu, é hora de fazer confissões. Chame-se isso de testamento, ou lá o que seja; o último suspiro da vida. Daí este “eis-me aqui”, tendo pregado as sentenças da vida à paisagem, tendo as chaves de uma fortaleza vermelha no bolso, nestes momentos de espera antes da rendição final.

É hora, pois, de cantar os fins — do que era e do que talvez não seja mais; do que havia de certo e também de errado. Um último suspiro para um mundo perdido, uma lágrima final diante desta extinção. Mas também um grito derradeiro de desafio, o desfiar do último novelo de novelas escandalosamente estapafúrdias (palavras hão de bastar, à falta de equipamento de vídeo) e muita cantoria barulhenta durante o velório. A história de um mouro, cheia de som e fúria. Querem? Bem, se não querem, lá vai assim mesmo. E, para começo de conversa, passem a pimenta.

— *O que que você disse?* —

As próprias árvores, atônitas, adquirem o dom da palavra.

(E você, será que você nunca, na solidão e no desespero, falou com as paredes, com o seu cachorro idiota, com o nada?)

Repito: pimenta, por favor; pois, não fora a pimenta, o que ora está terminando no Oriente e no Ocidente talvez jamais tivesse começado. Foi a pimenta que fez Vasco da Gama singrar os mares, da torre de Belém em Lisboa até a costa de Malabar: primeiro a Calicute, e depois a Cochim, com seu porto espaçoso. Ingleses e franceses seguiram a trilha do pioneiro português, de modo que no período chamado Descobrimento da Índia — mas como pudemos ser descobertos se não estávamos cobertos antes? — éramos “menos um subcontinente que um subcondimento”, como dizia minha famosa mãe. “Desde o começo, o que o mundo queria da desgraçada Mãe Índia estava claro como água”, dizia ela. “Queriam mesmo eram sensações apimentadas, que nem um homem que vai atrás de uma piranha.”

*

Minha história é a história de um mestiço nascido em berço esplêndido e caído em desgraça: eu, Moraes Zogoiby, conhecido como “Mouro”, que vivi a maior parte da minha vida como o único herdeiro varão da fortuna amealhada no comércio de especiarias e quejandos da dinastia Gama-Zogoiby, de Cochim, agora banido da vida que eu não tinha motivo para não encarar como minha de direito por minha mãe Aurora, nascida da Gama, a mais ilustre de nossas artistas modernas, uma grande beleza e a língua mais ferina de sua geração, distribuindo sensações apimentadas a todos que dela chegavam perto. Nunca teve a menor piedade dos filhos. “Nós, *beatniks* munidos de terços e crucifixos, temos pimenta vermelha correndo nas veias”, dizia ela. “Nada de privilégios para parentes de sangue! Meus queridos, comemos carne, e o sangue é nossa bebida de eleição.”

“Ser rebento da demoníaca Aurora”, disse-me o pintor goenese V. (de Vasco) Miranda, quando eu era ainda jovem, “é ser, sem sombra de dúvida, um Lúcifer moderno. Ou seja: filho da rósea manhã.” Nessa época minha família já tinha se mudado para Bombaim, e esse tipo de comentário, no paraíso do lendá-

rio salão de Aurora Zogoiby, fazia as vezes de elogio; mas relembro-o como uma profecia, pois um belo dia vi-me expulso daquele jardim fabuloso e lançado no Pandemônio. (Expulso do que é natural, que me restava senão abraçar seu contrário? Ou seja, o *antinaturalismo*, o único ismo de verdade que há nestes nossos tempos virados do avesso e sem pé nem cabeça. Tendo sido expulso pela Aurora que o deu à Luz, quem não haveria de buscar a Treva? Pois é. Moraes Zogoiby, expulso de sua própria história, caiu dentro da História.)

— *E tudo isso começou com um grão de pimenta!* —

Não apenas pimenta como também cardamomo, castanha de caju, canela, gengibre, pistache, cravo; e mais café em grão, e mais a poderosa folha do chá. Mas o fato é que, como dizia Aurora, “antes e acima de tudo, foi a pimenta, primeira e única — mas por que ser o primeiro quando se é único? Para que primar quando se é primeiro?”. O que era verdade quanto à história em geral também se aplicava à fortuna de nossa família em particular — pimenta, o cobiçado Ouro Negro de Malabar, foi o artigo original de minha famigerada família, os mais prósperos comerciantes de especiarias e castanhas e folhas de Cochim, uma família que, sem embasar-se em nada mais sólido que séculos de tradição, arrogava-se a honra de descender, ainda que em bastardia, de ninguém menos que o grande Vasco da Gama...

Agora não tenho mais segredos. Já estão todos pregados por aí.

AOS TREZE ANOS DE IDADE, minha mãe, Aurora da Gama, deu de perambular descalça pela casa de seus avós, um casarão cheio de cheiros, na ilha Cabral, durante as crises de insônia que durante algum tempo a afligiram todas as noites, e no decorrer dessas odisseias noturnas ela sempre escancarava todas as janelas — primeiro as janelas internas, teladas, que protegiam a casa dos mosquitos e das moscas, depois os caixilhos, e por fim as venezianas de madeira. Em consequência, Epifânia, a matriarca, mulher de sessenta anos — cujo mosquitoiro adquirira ao longo dos anos um certo número de furos pequenos porém significativos, que ela era míope ou pão-dura demais para perceber —, acordava todas as manhãs coçando os antebraços ossudos e azulados, cobertos de picadas, e soltava um grito ao ver a nuvem de moscas que pairava sobre a bandeja de chá e biscoitos doces colocada a seu lado pela empregada, Tereza (a qual mais que depressa escafedia-se). Epifânia entregava-se a um frenesi inútil, coçando-se, estapeando-se, dando estocadas a torto e a direito em sua curvilínea cama de teca, muitas vezes derramando chá nos lençóis de algodão rendados, ou na camisola de musselina branca, com colarinho alto, com franzidos, que ocultava o pescoço que outrora evocava comparações com cisnes, mas que agora era um acúmulo de pelancas. E, enquanto o mata-moscas em sua mão direita desferia golpes para todos os lados, e as longas unhas da mão esquerda esquadrinhavam as costas à cata de picadas cada vez mais recônditas, a touca de Epifânia da Gama caía-lhe da cabeça, revelando cabelos brancos amassados, que deixavam entrever nitidamente — triste dizê-lo! — faixas sarapintadas de couro cabeludo. Quando a jovem Aurora, escutando à porta, calculava que os

ruídos de sua odienta avó (imprecações, porcelana a espatifar-se, o estrépito fútil do mata-moscas, o zumbido zombeteiro dos insetos) estavam chegando ao auge, ela sorria seu sorriso mais encantador e entrava no quarto da matriarca com uma alegre saudação matinal, cônica de que a mãe de todos os Gama de Cochim galgaria os píncaros da fúria ao ver chegar esta juvenil testemunha de sua impotência senil. Epifânia, desgredinhada, ajoelhada nos lençóis manchados, brandindo o mata-moscas como uma vara de condão quebrada, e procurando uma válvula de escape para sua ira, dirigia à intrusa urros dignos de uma bruxa, uma *rakshasa*, uma *banshee*, para o deleite secreto da adolescente.

“Ah, menina, que bruto susto você me deu, um dia desses você inda vai me matificar do coração.”

Assim foi que Aurora da Gama teve a ideia de assassinar sua avó a partir de um comentário feito pela própria vítima. Começou então a fazer planos, mas essas fantasias cada vez mais macabras, que envolviam venenos e barrancos, eram invariavelmente anuladas por obstáculos pragmáticos, tais como a dificuldade de obter uma naja e colocá-la entre os lençóis de Epifânia, ou o fato de que a velha megera se recusava a andar em qualquer terreno que, como dizia ela, fosse “inclinificado para cima ou para baixo”. E, embora Aurora soubesse muito bem onde encontrar uma faca de cozinha bem afiada, e estivesse cônica de já ter força suficiente para estrangular Epifânia, tais alternativas estavam fora de cogitação, porque ela não tinha nenhuma intenção de ser descoberta, e um ataque tão evidente poderia acarretar perguntas constrangedoras. Como o crime perfeito se recusava a revelar-se a ela, Aurora continuava bancando a neta perfeita; não obstante, com seus botões, ainda matutava, sem se dar conta de que naquelas rumações havia muito da crueldade de Epifânia:

“Quem espera sempre alcança”, pensava a jovem. “Eu específico.”

Nesse ínterim, Aurora continuava abrindo as janelas naquelas noites úmidas, por vezes jogando fora pequenos enfeites va-

liosos, estatuetas de madeira com narizes que pareciam trombas, as quais boiavam nas águas da laguna que lambiam as paredes da mansão insular, ou peças de marfim delicadamente trabalhadas que, é claro, afundavam sem deixar vestígio. A família passava dias intrigada com tais ocorrências. Os filhos de Epifânia da Gama, o tio Aires e o pai Camões, acordavam e constataavam que uma brisa travessa havia levado safáris dos armários e papéis importantes das mesas. Zéfiros de dedos ágeis haviam desamarrado as sacas de amostras, sacos de aniação cheios de cardamomos pequenos e grandes, e folhas de eucalipto e castanhas de caju que, como sentinelas, sempre la-deavam os corredores ensombrados da parte da casa onde funcionava a firma, motivo pelo qual sementes de feno-grego e pistácios espalhavam-se pelo assoalho gasto, feito de calcário, carvão, claras de ovos e outros ingredientes já esquecidos, e o cheiro de condimentos atormentava a matriarca, que com o passar dos anos vinha se tornando cada vez mais alérgica às fontes da fortuna da família.

E, se as moscas entravam zumbindo quando as telas eram abertas, e lufadas maléficas de vento encanado penetravam a casa quando os caixilhos escancaravam-se, a abertura das venezianas dava entrada a tudo o mais: a poeira e a zoeira dos barcos no porto de Cochim, as buzinas dos navios de carga e o tossido dos rebocadores, as piadas obscenas dos pescadores e o latejar das picadas de água-viva, o sol cortante como uma faca, o calor que sufocava como um pano úmido apertado em torno da cabeça, os gritos dos camelôs flutuantes, a tristeza contagiante dos judeus solteirões de Mattancherri, do outro lado da laguna, a ameaça dos contrabandistas de esmeraldas, as maquinacões dos comerciantes rivais, o nervosismo crescente da colônia britânica em Forte Cochim, os pedidos de dinheiro dos administradores e trabalhadores nos montes Spice, as histórias de agitação comunista e manobras políticas do Congresso Nacional Indiano, os nomes *Gandhi* e *Nebru*, os boatos sobre fome no Leste e greves de fome no Norte, os cantos e as batucadas dos contadores de histórias, e o som pesado e ritmado das ondas da

História (a se quebrar contra o frágil cais da ilha Cabral). “Este país miserável, Jesus Cristo”, exclamava tio Aires no café da manhã, todo meneios airosos. “Será que não basta a porca imundície do mundo exterior, hein? Então quem foi o babaca, o babaquara, que o deixou entrar aqui de novo, hein? Afinal, isto aqui é uma residência decente ou é, com o perdão da má palavra, uma latrina de bazar?”

Naquela manhã, Aurora compreendeu que tinha ido longe demais, porque seu querido pai, Camões, um homenzinho magro, de cavanhaque e safári berrante, que já estava um palmo mais baixo que a filha varapau, levou-a até o cais e, literalmente saltitando de emoção, de modo que sua silhueta, contra a beleza improvável e a agitação mercantil da laguna, parecia uma figura de sonho, talvez um gnomo dançando numa clareira, ou um gênio bondoso saído de uma lâmpada, revelou num sussurro sua notícia tremenda e devastadora. Camões, cujo nome era homenagem a um poeta e que tinha uma natureza sonhadora (porém não o dom poético), levantou timidamente a possibilidade de uma assombração.

“A meu ver”, disse ele à filha atônita, “sua querida mamãe voltou para nós. Você sabe o quanto ela gostava de uma brisa ágil, o quanto ela brigava com sua avó por querer arejar a casa; e agora as janelas se abrem como que por mágica. E, minha filha, veja só quais são as coisas que desaparecem! Só as que ela detestava, você não percebe? *Os deuses-elefantes do Aires*, ela dizia sempre. Foi a coleção de Ganeshas do seu tio que desapareceu. E mais o marfim.”

As presas de elefante da Epifânia. Tem elefante demais nesta casa. A falecida Bela da Gama nunca teve papas na língua. “Por isso fico pensando que se eu ficar acordado até mais tarde hoje quem sabe não consigo ver mais uma vez aquele rosto querido?”, confidenciou Camões, terno. “O que você acha? A mensagem é clara como água. Por que você não espera comigo? Você e seu pai estão na mesma situação: a minha esposa amada é a sua mamãezinha idolatrada.”

Aurora, vermelha de constrangimento, gritou: “Só que eu

pelo menos não acredito nessa bobagem de fantasma”, e correu para dentro de casa, sem conseguir confessar a verdade: que era ela a alma penada da mãe, era ela que cometia os atos da mãe, ela que falava com a voz da falecida; que a filha, em suas caminhadas noturnas, mantinha viva a mãe, entregando o próprio corpo para que o habitasse a morta, agarrando-se à morte, negando-a, afirmando a constância do amor, mesmo além-túmulo — que ela se tornara a nova aurora da mãe, carne para o espírito dela, duas belas em uma.

(Muitos anos depois, ela daria a sua casa o nome de *Elefanta*; de modo que os assuntos elefantinos, tanto quanto os espectrais, continuaram a fazer parte de nossa saga, no final das contas.)

*

Fazia apenas dois meses que Bela morreria. A Bela-Fera, assim a chamava o tio de Aurora, Aires (mas esse vivia botando apelido em todo mundo, impondo à força ao mundo seu universo pessoal): Isabela Ximena da Gama, a avó que não conheci. A relação entre Epifânia e Bela fora bélica desde o começo. Viúva aos quarenta e cinco anos, Epifânia logo passou a bancar a matriarca, e deu de instalar-se todas as manhãs no seu pátio predileto, à sombra, o colo cheio de pistácios, abanando-se, quebrando as cascas com os dentes, numa demonstração de poder tão ruidosa quanto eficiente, cantando ao mesmo tempo, com uma voz aguda e implacável:

*Meu amor se fez ao bar
Num belo navio balaio*

Créquite! Créquite! estalavam as nozes em sua boca.

*Quando voltar, nos casamos
Num belo dia de baio.*

Durante toda a sua vida, apenas Bela se recusou a ter medo dela. “Três bês a bais”, disse à sogra Isabela, então com dezeno-